

## **O Documentário Folkcomunicacional: considerações teóricas e metodológicas<sup>1</sup>**

Marcelo Pires de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Beatriz Correa Pires DORNELLES<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

### **RESUMO**

No início da terceira década do século XXI aumenta diariamente o número de usuários da internet e as solicitações de produtos audiovisuais por streaming, entre eles os documentários. Nesse sentido o objetivo deste artigo foi realizar considerações sobre o documentário etnográfico embasado na Teoria da Folkcomunicação e apoiado nas técnicas e ferramentas da Metodologia da História Oral. Mediante revisão da literatura sobre a Teoria da Folkcomunicação, a Antropologia e a Metodologia da História Oral foi possível compor a base teórica e epistemológica do artigo. Desse trabalho, surgiu, como resultado, a proposta do Documentário Folkcomunicacional como sendo o audiovisual nascido da soma da Teoria da Folkcomunicação e da Metodologia da História Oral para registrar a história dos grupos não hegemônicos da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário. Folkcomunicação. História Oral.

### **INTRODUÇÃO**

A construção do conhecimento é um campo vasto na sociedade contemporânea e, muitas vezes, está associada ao desenvolvimento de tecnologias, medicamentos e área agrícola como acontece no Brasil. No entanto, existem outros setores de pesquisa que são produtores do conhecimento e sua divulgação é um fator de extrema importância. O filme ou vídeo documental são recursos importantes de divulgação do conhecimento diante de uma nova realidade audiovisual surgida na terceira década do século XXI.

A previsão de que, ainda em 2019, metade da população do planeta estará conectada à rede mundial de computadores (BERNERS-LEE, 2018) traz em si preocupações como aumento da demanda por conteúdos e informações e também com relação a sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), Pós-doutor do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutor em Múltiplos pela Universidade Estadual de Campinas. [mpoliveira@uesc.br](mailto:mpoliveira@uesc.br)

<sup>3</sup> Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa/POR, Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo. [biacpd@pucrs.br](mailto:biacpd@pucrs.br)

---

qualidade e confiabilidade. A crescente demanda pelos canais de *streaming* e conteúdo audiovisual indica a existência de um público consumidor de maior quantidade de imagens em movimento do que de textos escritos. Essa característica indica, talvez, uma maior inclinação ao consumo de material audiovisual de divulgação do conhecimento científico, tal qual vídeo-aulas e documentários.

O documentário audiovisual é um invento do século XX e surgiu em sua primeira década. Sabe-se que o documentário

[...] traz as marcas de sua significação, surgida na segunda metade do século XIX no campo das ciências humanas, para designar um conjunto de documentos com a consistência de "prova" a respeito de uma época (MASCARELLO, 2006, p. 253).

O filme documentário surgiu fortemente inspirado pela historiografia inglesa, que por sua vez foi inspirada pela historiografia positivista<sup>4</sup> que privilegiava os feitos dos grandes heróis e o uso dos documentos oficiais. Esse modelo de registro histórico, apesar dos novos aportes e movimentos inclusivos, ainda é, e tem sido a forma predominante empregada pelos historiadores. Ele permanece restrito a poucos e privilegiados seguimentos sociais capazes de registrar e disseminar sua versão.

Na busca de preencher a ausência de grupos não-privilegiados na escrita da história, surgiu, na metade do século XX, a Metodologia da História Oral, que dentro das novas teorias da História se apresenta com a função de abarcar a História do Tempo Presente e inverter conceitos cristalizados sobre o fazer histórico.

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem (BOM MEIHY, 1996, p. 13).

A partir desse raciocínio pode-se considerar que todos os povos têm direito a sua história, seja ela oficializada e guardada em “lugares de memória”, tais como museus, bibliotecas, monumentos de pedra, etc.; ou aquelas que são relatadas por outros meios que não os oficiais, podendo ser chamadas de “histórias marginais” ou mesmo de “lendas” ou “mitos”. Foi graças às descobertas da História do Tempo Presente que surgiu o debate sobre a sociedade contemporânea poder ser denominada como “Sociedade do Esquecimento”.

---

4 O Positivismo privilegia a rigidez científica, os fatos e os documentos oficiais ou ainda por personagens que geralmente fazem parte da elite e que não representam a maioria da sociedade. Seu fundador foi Augusto Comte (1789 – 1857)

---

As pessoas não se preocupam mais em guardar na memória fatos e datas, pois existem muitos “lugares de memória”. Sendo assim, não há responsabilidade pessoal de lembrar constantemente do passado quando a memória social está guardada e estocada em diferentes lugares. Esses podem ser visitados com frequência ou em ocasiões especiais para ativar a lembrança da história oficial.

Em contrapartida, as sociedades nas quais a memória é transmitida pela tradição oral e guardada por alguns de seus membros são chamadas de sociedades da memória.

Nas sociedades da memória, que existiram no passado e ainda subsistem em locais isolados da África e da América do Sul, por exemplo, e nas quais o volume de informação é consideravelmente muito mais restrito, a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória. Cabe a eles a função de transmitir às novas gerações de seu grupo social os fatos e vivências que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência do grupo (SIMSON, 2003, p. 16).

Assim, é possível afirmar que as populações ditas “marginalizadas” pela sociedade moderna criam, de alguma maneira, dispositivos para a guarda da sua memória que aguarda oportunidades específicas para aflorar e ser transmitida às novas gerações. Dentro desta linha de raciocínio, a cultura popular e as muitas festas, ditas populares, além de conterem a tradição de um grupo social marginalizado, são também momentos de compartilhamento de uma história passada e, ao mesmo tempo, presente, pois acontecem no hoje. Para que a real transmissão dessa memória e dos seus saberes, ali contidos, sejam efetivos, há um processo de comunicação entre as gerações, rico e dinâmico, que é o foco da Folkcomunicação e, também, do Documentário Audiovisual Etnográfico ou Folkcomunicacional, como se pretende chamar os documentários audiovisuais embasados na Teoria da Folkcomunicação.

A maneira que um pesquisador Folkcomunicacional pode encontrar para perceber esses processos, seguindo o conhecimento científico estabelecido por teóricos, é a pesquisa de campo. Essa técnica possui etapas organizadas e elaboradas de forma a permitir ao pesquisador um resultado o mais próximo da realidade. A pesquisa de campo

[...]consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. A pesquisa de campo propriamente dita “não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 75).

---

A Folkcomunicação, enquanto teoria, tem a predominância da interdisciplinaridade, pois dialoga com diversos campos do saber, o que auxilia no processo de registrar a fala e o olhar das comunidades e agentes folkcomunicacionais sobre a sua história e as suas práticas culturais. Os diferentes aportes teóricos, somados, auxiliam na construção de um retrato mais fiel à realidade complexa das comunidades marginalizadas. Cada campo do saber, em sua especificidade, quando alinhados em igualdade e em colaboração, ajudam o pesquisador a melhor enxergar a realidade polissêmica das comunidades marginalizadas que, ao longo de incontáveis gerações, resistiram à cultura hegemônica por meio da manutenção de festividades, comportamentos e ações chamadas de “folclóricas”.

Ao longo de muitos anos, essas manifestações foram objeto de observação e estudo de muitos pesquisadores de diferentes campos do conhecimento. Entre eles, podem ser citados os pesquisadores da Antropologia e da Folkcomunicação, que desenvolveram metodologias de abordagem e registro das manifestações de forma a conhecer, divulgar e compreender suas relações com os grupos sociais envolvidos em cada uma delas.

Cabe destacar que muitos audiovisuais podem ser considerados como etnográficos. Eles se diferenciam de outros documentários audiovisuais. O que aqui apresentamos é uma discussão do documentário audiovisual etnográfico e biográfico das comunidades sem acesso ou direito ao registro de sua versão do desenrolar histórico. Essas comunidades são, ao mesmo tempo, significativas e marginalizadas pela história oficial, uma vez que há poucos registros oficiais feitos sobre sua atividade, mas sempre com olhares e percepções externas a sua realidade, o que muitas vezes enviesada e distorce os relatos.

Nossa intenção foi refletir a fundamentação teórica e as questões metodológicas que surgem com os desdobramentos da pesquisa que privilegia as fontes orais. Os depoimentos e entrevistas são parte constituinte de maior importância em um documentário audiovisual. A tradição e a memória das comunidades e agentes folkcomunicacionais a serem registrados são o ponto de partida.

Muitos pesquisadores ou produtores de audiovisual atêm-se a sua fundamentação teórica com muita dedicação. Porém, no momento da escolha de metodologias, não demonstram a mesma preocupação, como afirma Lopes:

A preocupação com a teoria (que é um dos níveis de qualquer discurso científico) na pesquisa tem relegado para segundo plano as questões de metodologia, tanto em termos de seu estudo (Metodologia enquanto disciplina)

---

como em termos de sua aplicação (Metodologia enquanto prática) (LOPES, 1990, p. 13).

Dessa maneira, a intenção de propor o estudo de novos métodos de abordagem, considerando a transdisciplinaridade como inerente ao audiovisual folkcomunicação, surge enquanto preocupação teórica e metodológica. O objetivo é que as diversas etapas de produção de um documentário resultem em um audiovisual completo, honesto e produtivo, sempre respeitando a polissemia dos grupos sociais marginalizados.

### **TEORIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO**

A Folkcomunicação é a teoria desenvolvida por Luiz Beltrão, pesquisador brasileiro da área de comunicação, em atividade na segunda metade do século 20. Sua tese de doutorado pela Universidade de Brasília, defendida em 1967, foi coroada com elogios dos mais importantes pensadores mundiais de sua época. Ao longo dos últimos anos vem sendo aplicada por um grande número de pesquisadores da área de comunicação.

Essa teoria propõe um novo olhar sobre as questões da comunicação de grupos sociais marginalizados ou que se situam em níveis considerados inferiores na escala social existente. O resultado os priva de obter controle dos meios de comunicação de massa para expressar, registrar e disseminar seus valores e culturas (CANCLINI, 1998). A teoria busca apresentar os processos alternativos de comunicação existentes, em especial aqueles que ocorrem por meio das muitas manifestações folclóricas.

Às vezes me vem a idéia de que a pessoa pode confundir Folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista (...) ...eu estudei alguns grupos que utilizam a folkcomunicação, isto é, meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore. Então eu vi que alguns desses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados (BELTRÃO, 2004, p. 116).

Em toda sociedade de classes há uma divisão clara de culturas e subculturas em que o folclore assume cada vez mais a expressão da cultura popular. Em muitas ocasiões, é difícil não tornar os dois conceitos sinônimos e da mesma forma revesti-los de certo preconceito.

O termo folclore acha-se investido já ao nascer - nem poderia ser de outra maneira - de alguns significados precisos que remetem, por sua vez, a determinadas ideologias que podem ser, sinteticamente, referidas como nacionalistas e conservadoras. O caráter substancialmente conservador da maior parte dos estudos folclóricos tem pesado bastante na desvalorização, cada vez mais aberta, por parte da cultura contemporânea - ou pelo menos de boa parte dela - das tradições populares, até o ponto em que o próprio termo folclore tornou-se, arbitrariamente, sinônimo de "cor", de "atitudes pitorescas", de

---

"caricatura", de "esboço", de exterioridade, de conservadorismo (SATRIANI, 1986 p. 79).

Foi durante a Revolução Industrial, no século XIX, que a “cultura popular” recebeu a denominação de “folclore”, palavra introduzida na metade do século XIX por estudiosos que, ao perceberem o avanço da nova cultura industrial, decidiram coletar as “antiguidades populares” europeias. Com isso, criaram mais uma divisão nas designações de cultura, a cultura “folk” que, segundo Roberto Benjamim (2004), possui características próprias que a separam das definições de cultura popular, quando entendida em seu conceito de uma cultura plural.

O folclore, em seu início, procurou recolher histórias, lendas e outros conhecimentos da vida rural europeia, justamente, no momento em que o continente se industrializava e se urbanizava.

Por isso os folcloristas são uma invenção do século XIX. Eles descobrem que as "superstições" são sobrevivências de um passado longínquo, mas que se encontram ameaçadas. Diante da transformação da sociedade, eles buscam desesperadamente uma atividade salvacionista. Curiosos dos costumes populares, eles colecionam os pedaços desta memória fracionada, procurando reificá-la nos museus, livros e exposições. No fundo, todo seu esforço consiste na construção de um saber enciclopédico, cujas raízes sociais se extinguíram (ORTIZ, 1996, p.184).

O folclore, desta maneira, ficou associado a uma produção cultural diferente daquela à qual a sociedade urbana estava acostumada, sendo também rotulada de cultura primitiva e rural. Ao batizar as manifestações populares não urbanas de “Folclore”, alguns pesquisadores dividiram os estudos de cultura popular em duas correntes, a cultura urbana, que passou a ser conhecida por cultura de massa, e a cultura rural, que é conhecida por folclore. Esse, enquanto um ramo de pesquisa, é definido a partir de algumas características que buscam diferenciar as manifestações pertencentes ao universo “folk” daquelas pertencentes a outros grupos sociais.

Foi observando as manifestações da cultura popular ou folclórica que Luis Beltrão percebeu que nelas existia algo maior que a simples manifestação de uma tradição cultural. Ele percebeu que havia um sistema muito bem elaborado de transmissão de saberes e informações. Para Beltrão (2014), os agentes folkcomunicacionais utilizavam o que estava ao seu alcance para se comunicarem e transmitirem suas mensagens de forma a serem compreendidos pelo seu grupo social e não sofrerem a censura dos grupos hegemônicos, pois a esses não era conhecido o código comunicacional.

---

A teoria de Luiz Beltrão com suas considerações acerca dos processos de troca e comunicação entre agentes culturais e comunidades marginalizadas possui elementos distintos que a tornam uma forte base teórica com a qual os pesquisadores/produtores podem enveredar pelo caminho da pesquisa. Não devem ser descartadas, entretanto, outras teorias que favoreçam a melhor percepção do quadro complexo e rico que é o objeto de estudo e registro, uma vez que tanto a história quanto a etnografia possuem linhas de pensamento que muitas vezes têm auxiliado em muitos trabalhos de documentários audiovisuais.

### **METODOLOGIAS**

Quando os pesquisadores elaboram suas pesquisas, eles se deparam com uma série de dificuldades que, em muitos aspectos formais, inviabilizariam a mesma, entre eles os aspectos conceituais.

[...]ocorre com a palavra "metodologia" o mesmo que ocorre com as palavras "comunicação", "história", "economia" e outras, que são empregadas tanto para indicar uma disciplina ou estudo quanto seu objeto. Temos aí uma ambiguidade no sentido da palavra que acarreta certas imprecisões e equívocos. A fim de evitarmos tal confusão, empregaremos os termos Metodologia “da” pesquisa para indicar a investigação ou teorização da prática da pesquisa científica e Metodologia “na” pesquisa para indicar o trabalho com os métodos empregados (LOPES, 1990, p.80).

Sendo assim, é necessária a apropriação das reflexões de pesquisadores conceituados para obter avanços nas questões da metodologia “na” pesquisa. É a partir da correta organização dos conceitos que é possível iniciar a discussão dos métodos de coleta de dados para a pesquisa com populações que não dispõem de documentação oficial de seus registros.

A Antropologia foi uma das primeiras ciências a abordar populações ditas “ágrafas<sup>5</sup>”, o que acarretou na construção de métodos de coleta de dados que possibilitaram a melhor compreensão dessas populações. São eles: observação de comportamentos; catalogação de peças e utensílios com significado; dicionarização de línguas ou dialetos (o que possibilitaria mais tarde as interações com esses grupos); diálogos e entrevistas.

De todos esses métodos emprestados da Etnografia para a produção do documentário audiovisual prevalecem os diálogos e as entrevistas. Para realizar as entrevistas, em um primeiro momento, é importante determinar qual será a relação entre pesquisador e pesquisado(s) e como a mesma será ao longo de todo o processo de registro audiovisual.

O conhecimento dessa relação é fundamental para entender quais serão as trocas

<sup>5</sup>São aqueles grupos sociais ou populacionais que não dispõem de uma representação escrita da sua língua.

---

estabelecidas e principalmente quais serão as expectativas entre as partes no transcórrer do trabalho de produção do audiovisual.

Pesquisadores da Antropologia como Flaherty, Malinowski, Mead, Bateson, Rouch e MacDougall souberam pensar a etnografia e o filme documentário na construção dos seus trabalhos de campo acerca das populações primitivas (*apud* COSTA, 2016).

Cabe lembrar que de maneira ampla a produção de um audiovisual engloba três etapas chamadas de: 1) Pré-produção, a etapa de pesquisa, seleção de colaboradores, redação de perguntas e contato com o grupo a ser pesquisado; 2) Produção ou Captação, a etapa em que é realizado o registro audiovisual de imagens, depoimentos e entrevistas; 3) Pós-produção, em que todo o material é assistido pela equipe e organizado segundo uma metodologia de edição, em que os diferentes registros são categorizados: as entrevistas e depoimentos revisados e anotados de acordo com temáticas e importância para o audiovisual e a organização de uma sequência de imagens e falas que objetivam a construção de uma narrativa coerente e compreensível.

Nas comunidades que conservam sua tradição por meios marginais ou subterrâneos, é importante haver, da parte do pesquisador, a compreensão que seu trabalho envolve não apenas a observação, mas também o intercâmbio de informações com os sujeitos, respeitando sua cultura, costumes e história. Para que isso ocorra, é fundamental a inserção dos pesquisadores na comunidade estudada, segundo os princípios da pesquisa etnográfica (LE BOTERF, 1999).

Neste quesito também é importante responder mais uma questão sobre as opções do(s) pesquisador(es): Ele(s) escolherá(ão) uma pesquisa de campo de cunho etnográfico, na qual a inserção ocorre apenas pela presença do pesquisador na comunidade, mas sem haver de fato troca entre eles. Ou, ao contrário, a opção será pela pesquisa participante, na qual o pesquisador, além de se inserir na comunidade, ser aceito por ela e, após algum período de convivência, obter o status de interlocutor válido (SIMSON, 2003a).

Para que a pesquisa participativa aconteça é necessário que o pesquisador conquiste a confiança dos seus colaboradores. E para que isso aconteça, ele deve se inserir na realidade da comunidade.

[...] o contato direto com a ‘realidade’ vai no sentido da redução, desejada por Gramsci, da distância entre os intelectuais e o povo. Ela não está, entretanto, isenta do perigo de um certo romantismo pequeno-burguês, segundo o qual o povo ou as massas têm sempre razão e não podem se enganar. Junto a isso, aliás, se encontra frequentemente o que o sociólogo colombiano Fals Borda



---

chama de ‘masoquismo populista’, segundo o qual o pesquisador ou intelectual deve viver penosamente, pôr as mãos na sujeira etc. E isso não conduziria, do mesmo modo, ao perigo de afundar nos ‘subjetivismos’, no abandono da pesquisa ‘sobre fatos objetivos’? O risco existe, mas não é inevitável. Isso, ao menos, pelas duas razões que seguem: Inicialmente, não vemos por que a subjetividade dos pesquisados não poderia ser um dado objetivo a ser estudado. Além disso, essa pesquisa do ponto de vista subjetivo dos pesquisados deve se combinar e articular com a análise das situações vividas, mas desta vez a partir de um quadro teórico de análise, juntamente com instrumentos estruturados (LE BOTERF, 1999, p. 59).

O pesquisador/produtor vai transitar pela vida da comunidade e construir relações de intercâmbio que possibilitem um aprofundamento das práticas sociais da comunidade. Por consequência, abrirá novos conhecimentos à pesquisa já que o pesquisador, apesar de “estrangeiro”, não será um estranho.

Para a aplicação da metodologia da história oral na construção de um documentário audiovisual, o pesquisador/produtor deve entender que seu trabalho será muito similar ao da etnografia. Que deve procurar ser aceito pelo grupo, considerando que toda a coleta de dados, depoimentos e entrevistas devem ocorrer pela vontade dos sujeitos estudados, uma vez que a História Oral

[...] é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas(ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (BOM MEIHY, 1996, p. 24).

A ambientação acontece, continuamente, durante o processo de pesquisa e com a criação de laços profissionais e afetivos, que causam receio nos pesquisadores ortodoxos. Esses preferem a neutralidade, pois a metodologia por nós proposta aproxima o colaborador do pesquisador em uma relação de intimidade e confiança, enquanto que a outra mantém um distanciamento confortável e descompromissado. Essa aproximação se realiza com vários e repetidos contatos

[...] para que se estabeleça um clima de confiança sem o qual o trabalho é impossível, a grande quantidade de colóquios para se conseguir uma narração integral, vemos que esta técnica de estudo é das que consomem tempo e das que mais vagar e paciência requerem; o trabalho não pode ser feito de maneira intensiva - longas entrevistas para esgotar rapidamente o assunto – por que os detalhes se perdem e o cansaço do pesquisador e do informante deforma o relato (QUEIROZ, 1991, p.158).

Durante a pesquisa, as várias visitas à comunidade objetivam aproximar os pesquisadores/produtores do grupo colaborador. Com isso, torna os momentos de diálogo naturais de maneira que os colaboradores sempre estejam à vontade para

---

conversar em suas casas e seus locais de trabalho. Também serão capazes de trocar confidências sobre as diversas relações existentes dentro da comunidade (parentescos, rivalidades e intimidades).

Esses momentos de “inconfidências”, não devem ser documentados e nem estar previstos no corpo da pesquisa, mas são de muita ajuda na composição de filtros para análise das entrevistas e depoimentos, permitindo uma visão menos ingênua da pesquisa. Dessa maneira, é possível uma leitura mais criteriosa das entrelinhas das entrevistas concedidas. A percepção do trabalho de pesquisa/produção de um documentário folkcomunicaçãoal faz com que os resultados, ao serem organizados, possam manter um caráter objetivo para que todo o trabalho resulte na narrativa científica de um documentário folkcomunicaçãoal.

A utilização consciente de métodos de pesquisa, de coleta de dados e de análise dos dados são fundamentais para o bom andamento de qualquer trabalho de pesquisa de campo, e também devem ser preocupações na realização de um documentário. Ao trabalhar e mesclar todos os aportes teóricos que embasam o trabalho de pesquisa e produção do documentário há a necessidade de aprofundar a construção de uma relação de parceria com o grupo a ser registrado. Para tal, convém considerar a aplicação tanto da metodologia da História Oral quanto das concepções metodológicas da pesquisa participante, pois

a participação não envolve uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa. Ela determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir (BRANDÃO, 1990, p.12).

Com esse conceito em mente, os primeiros passos devem ser transformar os objetos de pesquisa em sujeitos da pesquisa e encontrar neles parceiros da pesquisa, o que se obtém com o empenho e dedicação da equipe de pesquisa. Com o passar do tempo, deve surgir uma postura clara na elaboração de um plano de metas e etapas que serão discutidos com a comunidade pesquisada, fonte do documentário folkcomunicaçãoal. Cada entrevista, cada ação da pesquisa passará a ser compartilhada com o grupo e obterá sua aprovação e envolvimento.

Agindo dessa maneira, o pesquisador/produtor conseguirá a aceitação do grupo e sua cumplicidade construindo um status de igualdade que irá possibilitar uma maior percepção do trabalho a ser realizado.

---

Por outro lado, quando o encontro tem lugar à luz da igualdade, não somente o observador, mas também o “observado” podem ser estimulados a pensarem diferentemente sobre si mesmos. Isto joga nova luz sobre um velho problema: a interferência do observador na realidade observada. O fetiche positivista da não interferência desenvolveu estranhas técnicas para ultrapassar ou remover este problema. Creio que devemos mudar a questão em seu ponto básico e considerar as mudanças que nossa presença possa ocasionar como alguns dos mais importantes resultados de nosso campo de trabalho (PORTELLI, 1997, p. 23,24).

No processo da entrevista com a metodologia da História Oral, o colaborador(depoente) tem liberdade para desenvolver suas ideias. É no conteúdo de suas afirmações e memórias que o pesquisador realiza sua análise e é capaz de perceber novas linhas de raciocínio, indicadas pelo colaborador no seu relato. Por ser um processo criativo, a entrevista com o método biográfico permite um diálogo entre pesquisador e colaborador tanto durante a entrevista quanto após, no momento da transcrição e na posterior análise de seu conteúdo. Esse diálogo envolve as questões que a pesquisa pretende responder e os caminhos que o pensamento do colaborador trilhou durante o trabalho de construção de sua memória.

Por isso, o colaborador quando tem liberdade para falar, e sente que será ouvido pelo pesquisador, indica novos caminhos dentro da pesquisa que antes não haviam sido percebidos e que são igualmente importantes. Por isso, é importante deixar fluir a narrativa do colaborador e conhecer as suas ramificações. Depois, de posse da transcrição, ponderar quais preocupações deveriam ser objeto de uma análise mais demorada. Destacar, ainda, quais falas poderiam ser isoladas para uma maior reflexão, bem como quais são as lacunas ou silêncios que o colaborador deixou em seu relato que podem indicar temas sensíveis a serem explorados em outros momentos, ou que, devido à relação de parceria, serão evitados.

Contudo a metodologia da História Oral, por seu caráter participativo, demanda momentos de retorno da pesquisa e das reflexões dos pesquisadores em produtos que possam ser apreendidos e utilizados pela comunidade de colaboradores. Uma das muitas possibilidades é o documentário folkcomunicação que, ao ser concluído, deve ser apresentado para a comunidade pesquisada, que deverá avaliar e sancionar como um relato adequado de sua história e/ou realidade.

Pela confiabilidade que os pesquisadores/produtores conquistam diante do grupo, as entrevistas ajudam a aprofundar o diálogo com os colaboradores. O depoente tem

---

liberdade para problematizar questões que para ele são relevantes e indicar os caminhos da redação do roteiro e da narrativa do documentário.

Cabe aos produtores perceber esses processos, a partir da análise, da reflexão e da pesquisa de campo. Pesquisa essa que possui etapas organizadas e elaboradas de forma a permitir ao pesquisador/produtor um resultado mais próximo da realidade. A pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tais como ocorrem, espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes. Ao trabalhar com comunidades folkcomunicacionais, que conservam a sua tradição por meios marginais, é importante haver por parte dos pesquisadores/produtores a compreensão que sua pesquisa de campo envolve não apenas a observação, mas também o intercâmbio de informações com a comunidade.

As escolhas de teorias e métodos de pesquisa na área das ciências sociais, entre elas a Folkcomunicação, são, segundo Lopes (1990), uma consequência da própria dinâmica inerente a elas e dos muitos caminhos percorridos pelos seus diversos pesquisadores. Um desses caminhos é a necessidade de realizar entrevistas para obter os dados primários. Trata-se de uma técnica que propõe o uso da metodologia da História Oral. Ela vem sendo utilizada por diversos campos do conhecimento como um método de obtenção de dados primários que até pouco tempo eram descartados por não se considerar que existiam critérios adequados para sua correta documentação.

Os depoimentos orais eram desconsiderados pelas ciências humanas por não haver um critério científico eficaz, capaz de validar seus resultados. Mas, nos últimos cinquenta anos (JOUTARD, 1998), muitas pesquisas, entre elas, no campo da Medicina e da Sociologia, foram capacitando esse método e associando seus resultados a um corpo teórico consistente que valida os depoimentos orais como registro documental e possibilita sua utilização em várias pesquisas.

A história oral pretende ser um campo multidisciplinar em que, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalhos possam dialogar sobre maneiras de abordagem das entrevistas e trocar experiências (BOM MEIHY – 1996, p.35).

Essa mudança de postura diante da entrevista e dos depoimentos orais possibilitou muitos desdobramentos na formulação de documentos válidos para a pesquisa científica. A seguir estão alguns aspectos fundamentais da metodologia da História Oral:

---

a) Essa metodologia é baseada no depoimento oral enquanto peça documental, referente a um período histórico determinado e muito próximo. Para tal, é necessário vencer alguns preconceitos quanto ao uso de informações recentes na construção do conhecimento. Uma vez que várias correntes do estudo científico, em especial a História, recomendam a maior distância temporal possível com relação ao objeto estudado; b) A história oral, valoriza a pesquisa qualitativa e a subjetividade das respostas é sempre considerada durante todo o processo. Essa postura, muitas vezes, defronta o pesquisador com as muitas variáveis do conceito da verdade e versão dos fatos. Os depoimentos pessoais são carregados de subjetividade e a narração dos fatos são apresentadas com os filtros pessoais de cada depoente e conduzem a uma multiplicidade de informações e de posicionamentos sobre os fatos narrados; c) A maioria dos métodos científicos sugere que o pesquisador mantenha uma postura neutra durante o curso da pesquisa. A metodologia da história oral, por ser uma metodologia participativa, entende que o depoente é, também, um colaborador da pesquisa e agente do conhecimento que se constrói; d) As muitas etapas requeridas na validação dos depoimentos por esta metodologia exigem uma disciplina metodológica muito mais comprometida, já que nenhuma etapa pode ser suprimida, pois isso vai comprometer a credibilidade da pesquisa bem como a validade dos dados obtidos; e) A metodologia da História Oral demanda, também, o compromisso ético e metodológico diretamente associado à divulgação das informações obtidas na pesquisa e sua divulgação para toda a sociedade.

f) O trabalho com os depoimentos orais desde a sua gravação, passando pela transcrição e posterior transcrição<sup>6</sup>, produz vários documentos que podem ser utilizados para diversas modalidades de transmissão do conhecimento como livros, teses ou monografias, e ainda, na forma de um documentário audiovisual folkcomunicacional. Esse grande número de novos documentos também servirá para novas pesquisas e novos trabalhos a serem realizados por outros pesquisadores. Essas fontes primárias ao serem reutilizadas vão possibilitar novas leituras e novas análises a luz de novas percepções e que vão gerar novos produtos.

---

<sup>6</sup>Transcrição, conforme definido por José Carlos Sebe Bom Meihy, é a redação da entrevista trabalhada objetivando a sua apresentação pública. Com as devidas correções gramaticais, redação das frases completas, mesmo quando não foram ditas, para possibilitar a fluidez do texto literário, uma vez que esta versão final é a transformação da oralidade para a escrita.

---

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem (BOM MEIHY, 1996, p. 3).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metodologia da História Oral é um instrumento eficaz na pesquisa participativa por permitir o intercâmbio de experiências entre pesquisadores e pesquisados. A entrevista revela por meio da história de vida e pelo relato direto daqueles que vivenciaram os fatos históricos, temas e aspectos peculiares e particulares, o que amplia as discussões e reflexões da pesquisa, resultando, no caso de um documentário em uma narrativa mais vívida e colorida.

Para a comunidade pesquisada a metodologia contribui com a consciência da sua origem e da sua contemporaneidade enquanto classe social, grupo político e econômico, bem como cidadãos atuantes em suas realidades e agentes folkcomunicacionais.

As entrevistas são muito importantes para perceber como os fatos foram interpretados pelos diversos protagonistas da História. No campo da construção da memória, muitos autores afirmam que, em vez de buscar uma verdade inatingível, são aceitas as versões fornecidas pelas fontes, e é realizada uma filtragem daquilo que pode ser considerado como o mais próximo do fato ocorrido. Na busca por uma narrativa consistente, que sirva como fio condutor para o produto audiovisual, o pesquisador/produtor deve respeitar e interagir com o depoente. É importante deixar claro que, na perspectiva da Metodologia da História Oral, é o depoente o autor e o proprietário, se assim pode ser dito, da informação concedida, e só ele pode decidir qual o destino daquela informação, e não o entrevistador, que foi apenas o “fiel depositário” do depoimento concedido.

O resultado de seguir disciplinadamente a metodologia da História Oral deve ser um documentário folkcomunicacional que expresse as aspirações da comunidade registrada, respeitando suas particularidades e divulgando sua cultura para a sociedade de maneira que o diálogo entre os mais diversos grupos sociais seja construído com o suporte das novas tecnologias de comunicação e informação, em especial o audiovisual e sua mais eficaz forma de divulgação, ou seja, os muitos canais de *streaming* de vídeo, disponíveis na rede mundial de computadores.

---

## REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. E-book.
- BERNERS-LEE, T. **Opinion: How to Save the Web - The New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/12/06/opinion/tim-berners-lee-saving-the-internet.html>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- BRANDÃO, C. R. “Pesquisar-participar”. In: BRANDÃO, C. R. (ed.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- COSTA, W. M. A. Documentário pernambucano de curta-metragem: espacialidades e narrativas nos filmes *Câmara Escura* e *A Clave dos Pregões*. In: RENÓ, D. P. (ed.). **Ficção e documentário: memória e transformação social**. Rosario: UNR Editora, 2016.
- JOUTARD, P. História Oral: Balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; MORAES, M. (eds.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGC, 1998.
- LE BOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, p. 51–81, 1999.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação: Formulação de um Modelo Metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.
- ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade. **Projeto História, nº 14**, fev. 1997.
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SATRIANI, L. M. L. **Antropologia Cultural e Análise da Cultura Subalterna**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SIMSON, O. R. M. V. **Memória e Identidade Sociocultural**. Reflexões sobre Pesquisa, ética e compromisso. Formação de educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente. Campinas: Mercado das Letras, 2003a
- SIMSON, O. R. M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, p. 14–18, 2003b.